

Editorial

Jacqueline Kaczorowski
Oluwa Seyi Salles Bento¹

Com muita alegria apresentamos o número 28 da Revista Crioula, com o dossiê “Produções contemporâneas que impactam o cenário literário”. Em um momento histórico que faz cada um de nós sentir na carne a dureza de tantos retrocessos (muitos dos quais afetam diretamente as Universidades públicas, como é de conhecimento geral), dar continuidade à publicação do nosso periódico acadêmico é gesto coletivo de resistência e resposta frontal ao obscurantismo que tem dominado indevidamente tantos espaços de debate.

O dossiê dedicado à discussão do contexto contemporâneo toca diretamente questões presentes incontornáveis, lembrando aos leitores que a literatura sempre tem atuação política – embora nem sempre direta e explicitamente – e que seu maior interesse pode ser justamente inventar formas criativas de olhar para a realidade.

No artigo mestre que abre a edição, “Reflexões sobre a literatura brasileira contemporânea”, Antonio Vicente Seraphim Pietroforte traça um panorama valioso da pluralidade da literatura brasileira contemporânea, revelando algumas de suas linhas de força tanto em termos semióticos quanto temáticos. O leitor literário usual pode se surpreender com a abordagem linguística didaticamente conduzida pelo autor, enquanto aqueles mais familiarizados a tal disciplina podem desfrutar de seu método exposto na leitura de poesia. Em suma, uma leitura muito enriquecedora para todos os públicos.

¹ As editoras são alunas do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).



O chamado ao contemporâneo ressoou um fenômeno recente da literatura brasileira: o trabalho de Itamar Vieira Junior é objeto de quatro dos textos que compõem esta edição. Em todos eles, estão presentes discussões que tocam as heranças de um país fortemente escravocrata que ainda não foi capaz de efetivas transformações estruturais.

Thiago Martins Rodrigues, autor de “Nas aberturas do tempo: Quilombo e contra-colonização no Brasil contemporâneo em *Torto arado*, de Itamar Vieira Jr.”, traz à discussão o território quilombola do romance, considerado acontecimento histórico e categoria política e artística, em diálogo com a consciência do subdesenvolvimento, conceito desenvolvido por Antonio Candido. Beatriz Nascimento é outro dos nomes significativos que o autor evoca para demonstrar a importância dos quilombos como espaços e formas organizativas de resistência, cujas tensões são também potências – como é de costume a obra de arte revelar.

Em “A representação dos povos quilombolas na obra *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior (2019): o racismo estrutural sob o olhar feminino”, de João Lucas Santiago e Vanderléia da Silva Oliveira, é focalizada outra potência, trazida pela variedade de narradoras da obra, para buscar marcas contemporâneas do racismo estrutural legado pela escravização à brasileira.

“*Torto arado*: a literatura de resistência na narrativa de Itamar Vieira Júnior”, de Juanna Beatriz de Brito Gouveia e Matheus Lucas de Almeida, busca marcas da resistência considerando dicotomias figuradas na obra e destaca a reatualização de legados escravagistas que persistem em nosso cotidiano.

Patrícia Helena Baialuna de Andrade, em “Itamar Vieira Junior e as heranças da escravidão no Brasil: os explorados deste tempo”, também investiga como a questão escravista se repõe na contemporaneidade, transformando a exploração do trabalho sem que isso signifique qualquer ganho de dignidade para os trabalhadores. A autora



expande o *corpus* em comparação aos artigos anteriores, acrescentando a leitura de dois contos do autor, “Alma” e “Doramar ou a Odisseia”.

“Literatura contemporânea no Paraná: autoria feminina, identidades e representação”, de Andriele Aparecida Heupa e Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira, traz ao centro da discussão personagens subversivas, que contrariam as representações femininas canônicas, para discutir silenciamentos longamente impostos às mulheres – outra das discussões prementes da contemporaneidade.

Daniel José Gonçalves, por sua vez, em “Algumas notas sobre a mulher e o corpo em *As 29 poetisas hoje* (2021)” focaliza algumas das vozes femininas da obra para indagar como a temática pode configurar abertura a um campo político que “se coloca enquanto reconhecimento e choque, ocupação de lugar, apropriação de si, redefinição de fronteiras”.

Unindo a temática racial à de gênero e, ainda, contemplando a diversidade de gênero textual ao trabalhar com uma obra dramatúrgica, Wellington de Oliveira e Silva dos Santos, em “A identidade fraturada no processo enunciativo de Grace Passô”, lembra o conceito de necropolítica ao refletir sobre violências constitutivas da subjetividade entranhada no “corpo-feminino-negro” da protagonista do espetáculo teatral de “Vaga carne”.

A complexidade sempre envolvida em discussões acerca da temática racial também é objeto de “A problematização da raça na produção literária de Mia Couto: uma breve análise de *O outro pé da sereia* em comparação com a produção de Miriam Alves”, em que Cintia Ribeiro da Rocha compara representações do povo negro no continente africano e em perspectiva diaspórica para alertar sobre riscos de apagamentos.

Henrique Moura, em “Um narrador pretensamente paterno: *Capão Pecado*”, realiza uma análise hermenêutica da voz narrativa para discutir como a forma literária



revela contradições de muito interesse no romance, mobilizando conceitos de Davi Arrigucci Jr., Marilena Chauí e Maria Rita Kehl.

Por fim, “Práticas inespecíficas e pós-autônomas em *Sombrio Ermo Turvo*”, de Paulo Alberto da Silva Sales, fecha o dossiê trazendo indagações sobre a possibilidade de “abandono das categorias tradicionais de análise e da noção de valor literário, mais conhecido como pós-autonomia” para ler “novas realidades discursivo-literárias que não podem ser explicadas por meio das noções tradicionais de representação”.

A edição conta ainda com uma entrevista com a poeta, tradutora e pesquisadora Francesca Cricelli, intitulada “Mas há algo de contorno ou travessia no dia” e conduzida por Sandro Adriano da Silva e Cleber da Silva Luz. Para encerrar, duas obras literárias que convidamos à apreciação: o conto “Memórias de Pindjiguiti”, de Vinícius Mallick Silva, e o poema “(Re)existir”, de Mayna Yaçanã Borges de Ávila.

Desejamos uma ótima leitura!